



BOLETIM

trimestral 21º ano Junho
gratuito nº 85 2017

Associação dos Aposentados e Reformados da RDP



CONVÍVIO AR – RÁDIO

NORTE, CENTRO e SUL

**GONDOMAR e ROTA DA FILIGRANA
2017.06.16**



SUMÁRIO

Editorial3

Marques Maria

Bons passeios 4/5

Ribeiro da Silva

Baptista Bastos.....6/7

Graça Vasconcelos

Maat – Museu EDP 8

M^a.Emília Ramalho

Casas em ruínas.....9/10

Maria Clara

29º Aniversário - Setúbal..11

Aniversariantes..... 12/13

Passeio ao Minho14/15/16

M^a.Emília Ramalho

A Visão 17/18

Dr^a. Patrícia Alves

Memórias19/20/21

M^a. Emília Ramalho

Requiem para um Acordo

Ortográfico.....22

Poesia23

M^a. Assunção Freire

M^a. Hermínia Anastácio

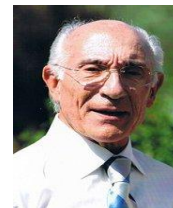
Direcção: *António Marques Maria*

Edição: *Maria Emília Ramalho*

Paginação e grafismo: *Guilherme Guimarães*

Impressão: Reprografia - RTP

EDITORIAL



António Marques Maria

29º Aniversário da AR-Rádio

Celebrámos no dia 18 de maio, mais um ano de proximidade associativa. Desta vez, substituímos o tradicional almoço no Altis, por um convívio mais completo. Partimos do Marquês de Pombal, em dois autocarros, em direção à Serra da Arrábida, parámos em Azeitão, e continuámos pela deslumbrante paisagem do Parque Natural, rumo a Setúbal, até ao Hotel do Sado.****.

A confraternização realizou-se no piso superior do Hotel, onde desfrutámos uma vista panorâmica fantástica, sobre o Estuário do Sado, Troia e Arrábida.

Tivemos o prazer de contar com a presença dos convidados especiais: Drª Ana Cristina Soares e Dr. Hugo Rosado, da DRH – Drª Clarisse Santos, Vice – Presidente da Casa de Pessoal, - Vasco Hogan Teves e Engº Carlos Mourisca, Presidente e Vice – Presidente da ARP-RTP, e Esposas.

Associação de Reformados e Pensionistas da RTP

Também em maio, no passado dia 21, tivemos o prazer de estar presentes, como convidados, na confraternização Comemorativa do 29 Aniversário da ARP-RTP. O almoço convívio realizou-se no Dom Abade, perto de Porto de Mós. Foi um encontro de colegas da Televisão, onde nos sentimos em casa, entre amigos, como é natural pelo bom clima de relacionamento e de estima, que temos entre as duas Associações – a Televisão e a Rádio, /

Encontro com os Colegas do Norte e Centro

No dia 16 de Junho, no passeio ao Minho, tivemos um bom convívio com os Colegas do Porto e de Coimbra, no almoço realizado em Gondomar.

Após visitarmos uma das principais Fábricas de Filigrana, reunimos no Restaurante “Sucesso dos Grelhados, três grupos de Colegas: 16 do Centro, 9 do Norte e 55 de Lisboa.

Foi como sempre, uma animada confraternização de camaradagem, que gostávamos mais frequente.

Contámos com a intervenção dos Colegas; Fernando Trigueiros (Coimbra), e Fernando Rocha (Porto), que expressaram bem, o seu interesse por encontros mais descentralizados.

O próximo talvez em Viseu, ou outro lugar, a designar. Marques Maria, saudou a reunião de todos os Colegas, e sugeriu a realização de dois passeios turísticos locais – Ver o Porto como os turistas, e ver Coimbra como os Turistas, apoiados pela AR-Rádio.

Minho Maravilhoso e Rota da Filigrana

Foram três dias em cheio, percorrendo 1200 Kms, numa ronda por um conjunto de lugares dos mais apreciados do nosso País. O programa era muito intenso e preenchido, e naturalmente não permitia visitas ao vasto património das Cidades – Guimarães, Viana do Castelo e Braga, só possível, através de programa específico para o efeito.

Como nota final, é bom salientar que o nosso Grupo Sénior, com 55 pessoas, enfrentou uma prova muito forte, com um desempenho notável, em todas as situações.

Estamos todos de Parabéns.

Viagem à terra em que manda quem lá está



Ribeiro da Silva

Atravessar a Beira por estrada é um prazer para qualquer viajante que não seja indiferente às belezas naturais e se sinta compensado pela riqueza da paisagem a seus olhos revelada e em que predominam os verdes ciclicamente intervalados com castanhos outonais em infinidade de tons; prazer logo transmutado em deslumbramento quando da chegada às margens do Douro e em paragem de alguns momentos para observar quanta beleza em tal panorama.

Esta é uma paragem quase obrigatória para quem do sul se dirige a Trás-os-Montes, mas outras ocorrem decerto, como na cidade de Lamego, antiquíssima, em situação privilegiada, no abrigo formado por arcatura natural da serra de Montemuro, orgulhosa de um património de grande valor muito dele herdado do tempo medieval e incluindo numerosos monumentos; no resto do Alto Douro e de Trás-os-Montes muitos mais estão disseminados por serras e vales.



Em Lamego, uma jóia arquitectural de grande relevo é o Santuário de Nossa Senhora dos Remédios, cuja origem remonta ao séc. XIV, quando erigido em homenagem ao mártir Santo Estevão, mas na altura de obras de reconstrução, no séc. XVI, passou a ser dedicado também à Virgem Mãe, cuja devoção prevaleceu. No alto da encosta do monte em que o santuário domina a cidade, e em frente daquele, começou no séc. XVIII a ser construída uma íngreme escadaria monumental que desce até ao centro de Lamego e que foi concluída no séc. XIX. O risco deste monumento, notável pela harmonia e simplicidade do conjunto, pertence ao célebre arquitecto Nasoni, mas não deixa de ser notado que se trata de uma evidente réplica do Santuário do Bom Jesus do Monte, em Braga.

Além do santuário e do castelo, típica fortaleza medieval no ponto mais alto da cidade, também é merecedor de atenta visita o Museu de Arte e Arqueologia, cujo recheio se destaca entre o dos museus regionais portugueses.

Atravessado o Douro e ultrapassada a cidade de Peso da Régua, que daquele rio recolhe mais valias, entra-se em território tradicionalmente mais isolado, tanto por dificuldades apresentadas pela agreste orografia como por um certo orgulho não confessado mas activo dos respectivos habitantes, expresso na convicção de que «para cá do Marão mandam os que cá estão».



Em Trás-os-Montes uma grande massa de terras altas envolve as bacias dos rios Sabor e Tua, separados por faixas montanhosas, sendo as serras de maior envergadura as do

Marão, Montesinho e Padrela. Ocupando o nordeste do país e, por isso, mais perto do resto da Europa, não se afigura que disso tire partido devido ao relevo desfavorável e ao traçado das vias de comunicação.

A Bragança. situada muito perto da fronteira e vizinha das províncias espanholas de Orense e Zamora, chega-se depois de passar por Mirandela e Macedo de Cavaleiros e atravessar sucessivos panoramas os quais têm em comum parecenças com o Alentejo, tal a quantidade de sobreiros, azinhos, amendoeiras...

O cenário é montanhoso e nele Bragança enquadra-se naturalmente, em conjunto formando um anfiteatro rodeado por horizontes que a neve cobre de branco quando de grande invernã, e por tal o dito que ali corre de «nove meses de inverno e três de inferno», abrangendo também o imenso calor de que se sofre frequentemente durante o verão.



O Domus Municipalis é o monumento mais característico, tratando-se de um curioso edifício de invulgar arquitectura que teve a dupla função de cisterna da cidade e o tradicional lugar de reunião dos «homens bons» nos tempos medievais; do mesmo modo merece ser destacada a Igreja de S. Vicente, templo de raiz românica do séc. XIII, reconstruído no final do séc. XVII, e na qual terá sido realizado o casamento secreto entre D. Pedro e D. Inês, além de ter partido daquele templo o movimento de resistência às invasões francesas que alastrou

pelo norte e centro de Portugal.

Viver em Bragança, ou em qualquer outro local de Trás-os-Montes, sempre foi sinónimo de uma dureza que muito tem contribuído para fortalecer o carácter dos respectivos habitantes, levando-os a contar apenas com eles próprios, porque se têm considerado um pouco abandonados pelo poder com sede em Lisboa que não lhes tem dado, pelo afastamento e mesmo isolamento a que têm estado submetidos, as mesmas oportunidades, vantagens e benesses que concede a outros; não se lamentam, mas não deixam de expor os motivos das suas razões, sendo hospitaleiros para quem abrem portas e têm oportunidade para verificar algum atraso que por ali ainda existe.

Por exemplo, numa visita ao lugar de Coelhoso, a poucas dezenas de quilómetros de Bragança, pode verificar-se que a maioria dos habitantes em idade de trabalhar são agora emigrantes, sobretudo em França, tendo deixado para trás crianças e idosos. Ali a desertificação está muito avançada e a economia tem-se mantido no tempo da troca e subsistência, até porque o próximo estabelecimento fica a mais de 20 quilómetros de distância e, se não têm carro para lá chegar, cada um conta com os vizinhos para obter os produtos por eles cultivados ou comprados e acode-lhes com aqueles de que necessitam. A escola fechou e tem sido conservada em bom estado, talvez na esperança de que venha a reabrir, mas as duas crianças da casa em que fomos convidados, uma de cinco e a outra de sete anos, cada uma delas anda na sua escola, situadas em freguesias diferentes...

O fogo do lar é numa grande lareira, onde painéis de ferro fundido com três pés aquecem facilmente água para coser batatas, o principal acompanhamento, juntamente com alhos e azeite, da carne grelhada nas brasas resultantes da combustão de giestas, combustível muito abundante na região e utilizado em substituição de gás, e na chaminé há um depósito de água que ali é aquecida e conduzida depois para banhos.

Muito mais haveria por aqueles lados para viajar e contar, mas tudo tem um fim e por aqui ficamos.

BAPTISTA BASTOS (1934-2017)

Dele, disse o grande autor Jorge de Sena:
“um dos maiores narradores portugueses do nosso tempo, no que a palavra narrador tem de reinvenção reflexiva e de demiúrgica de uma língua”.



Graça Vasconcelos



Armando Baptista Bastos ou BB, nome pelo qual também era conhecido, nasceu em Lisboa, no bairro da Ajuda a 27 de fevereiro de 1934.

Ainda que esperada, estava internado no hospital há várias semanas, a notícia surpreendeu-nos, como nos surpreende sempre a notícia da morte dos que nos estão mais próximos. BB deixou-nos no dia 9 de maio.

Foi jornalista, tendo assinado crónicas e outros textos que marcaram uma época e são referência na Imprensa Portuguesa.

A sua carreira jornalística iniciou-se em "O Século", mas foi no Diário Popular que se tornou figura marcante em especial nas reportagens e entrevistas que realizou.

Passou pela RTP, Europeu, O Diário e várias revistas como A Seara Nova, Época e Sábado, entre outras. Foi cronista no Jornal de Notícias, A Bola, JL-Jornal de Letras Artes e Ideias, no Expresso, Jornal do Fundão, para referir alguns. A Antena 1, a Rádio Comercial, TSF, jornal Público e Diário Económico também o tiveram como colaborador.

Homem desassombrado e frontal, Baptista Bastos foi polémico, como não podia deixar de ser. Afirmou um dia que "excetuando exemplos raros, escreve-se muito mal nos jornais, que atravessam uma crise dramática e já não conseguem surpreender os leitores."

Da sua presença na televisão, no programa "Conversas Secretas" (SIC), todos se recordam da especial pergunta que fazia a todos os convidados, "onde é que você estava no 25 de abril?" "Herman José, no seu programa "Herman Enciclopédia" e, de certo modo, todos nós, glosámos essa pergunta entre amigos e companheiros de trabalho.

Enquanto escritor, Baptista Bastos publicou uma vasta obra de ficção. Recordamos alguns dos seus títulos: O Secreto Adeus, Cão Velho entre Flores, O Cavalo a Tinta da China, A Colina de Cristal, Um Homem Parado no Inverno, Elegia Para um Caixão Vazio, No Interior da Tua Ausência, editados pela ASA.

Fado Falado, de 1998, foi outro dos seus títulos, com prefácio de José Saramago e fotos de José Santos. Aqui, reúne 26 entrevistas com gente do fado, nomeadamente Amália, Argentina Santos, António Cháinho, Carlos do Carmo, Raul Nery, Camané, entre outros.

Foram vários os prémios que recebeu ao longo da sua vida. Refiro alguns: Prémio Literário Município de Lisboa, PEN Clube português de ficção, Grande Prémio de Crónica da Associação Portuguesa de Escritores e ainda prémios de crónica da Sociedade de Língua Portuguesa e do Clube Literário do Porto.

Baptista Bastos foi considerado, por vezes, um dos maiores prosadores portugueses contemporâneos e Óscar Lopes, importante crítico literário, diz, desse escritor e cronista, que nos devolve as inquietações e perplexidades do nosso tempo, refletir "um otimismo desesperado" ao mesmo tempo que se ergue como um majestoso edifício verbal.

Baptista Bastos tinha um estilo inconfundível, sem dúvida. No meu caminho profissional tive o privilégio de entrevistar e conhecer muitos autores e artistas portugueses e BB foi um deles. Ficaram memórias de um homem educado, com sentido de humor, por vezes negro, frontal e sincero nas respostas às minhas perguntas, tantas vezes zangado com o mundo, de grande exigência profissional e moral. Incómodo para muitos, também, e nunca deixaria de sê-lo; foi um combatente, que marcou com paixão e excesso tudo quanto viveu e escreveu. De grande amores e ódios de estimação. *"Ninguém se mete comigo"*, disse, um dia, em entrevista à jornalista Alexandra Lucas Coelho.

Escritor insubmisso, homem culto, de sonhos e convicções, este que há pouco nos deixou.

Tanto quanto sabemos, estava a escrever as suas memórias. Esperemos, um dia, poder lê-las.

Aqui fica um excerto do seu livro *Cão Velho entre Flores*:

"O meu avô, sobre ser um homem grande, entendia de coisas antiquíssimas que lhe haviam ensinado os pais e os avós. Por exemplo, quando se entrava no mês de Maio comia castanhas piladas e colocava à janela os objectos mais bonitos que considerava possuir em casa. Dizia que era para o Maio não entrar pelo cu; e certa vez pôs à janela um penico de porcelana, pintado à mão por qualquer remoto artista da família, e do qual ninguém se servia: era utilizado como floreira, sobre a cómoda.

Já disse que o meu avô respondia a tudo, lento, palavras carregadas de intenções e de subtis desvios. Só não disse que, alguns dias após o meu pai ter afirmado que a guerra rebentara, o meu avô murmurou:

- O mundo, agora, vai piorar.

E o meu pai:

- Está tudo perdido para nós.

E o meu avô:

- Os homens não merecem os frutos que a terra dá.

Era um dia cinzento; as cornijas do palácio, sombrias, os eléctricos fluíam, sem chios, na curva da calçada; uma velha vendedeira de balões sentara-se no lancil oposto, inutilmente apregoando, e sem convicção, olhando o céu com pálido olhar, e a fuligem tombava, branda, esporos vagabundos fragilizando-se nos telhados, nos adarves, cobrindo os mióporos.

Lembro-me bem desse dia porque era raro o meu pai ir até ao cimo da calçada e sentar-se junto do meu avô, e falaram muito, falaram, certamente de coisa ásperas e dilacerantes, eu observando-os, eles numa outra distância, indiferentes a mim, num outro espaço para além dos balões e da velha, flutuando.

Não direi que fique. Mas nascemos todos aqui. "O pobre só vai para a frente quando tropeça", dizia o meu avô.

Tudo isto poderá ser esquecido?"

"Uma obra-prima. Um admirável e pessoalíssimo estilista", foram as palavras de Alexandre Pinheiro Torres, exigente crítico literário, sobre este romance, *Cão Velho Entre Flores*, escrito em 1974.

Baptista Bastos foi também um grande poeta de Lisboa, cidade onde nasceu e viveu, que amava e que cantou e contou como poucos.

São muitas as razões e os livros à espera das nossas atentas e disponíveis leituras.

MAAT – MUSEU DE ARTE, ARQUITECTURA E TECNOLOGIA



MariaEmíliaRamalho

O MAAT – O novo museu da Fundação EDP inaugurado a 5 de Outubro de 2016, foi reaberto no passado dia 22 de Março, após obras finais, com 2 exposições: Utopia/Distopia (exposição manifesto) e Ordem e Progresso, uma instalação de Hector Zamora.



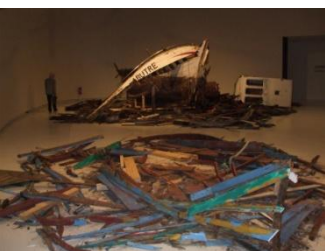
Utopia/Distopia representa uma reflexão crítica sobre temas cruciais do tempo presente. Há 500 anos, um senhor chamado Thomas Morus publicou a Utopia, obra que reflecte o pensamento do autor sobre o que ele pretende ser uma sociedade ideal, uma ilha onde se vive segundo regras rígidas e onde o comportamento humano é controlado até ao mais ínfimo pormenor, em harmonia ou desarmonia com o próprio homem!

No nosso tempo a tecnologia cria, por um lado, expectativas duma maior qualidade de vida, por outro, surgem crises cíclicas no âmbito do Social, do Político, do Ecológico, que conduzem a discursos utópicos sobre a queda do modernismo e o confronto com a situação actual.

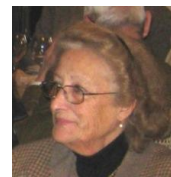
Começando pela galeria oval, onde defrontamos um cenário de destruição total de barcos de pesca artesanal, desenrola-se uma exposição colectiva de artistas e arquitectos e da sua maneira de interpretar os grandes temas da actualidade como a evolução da tecnologia ao serviço do homem e que acabará por o destruir através de acções e contradições, a exploração por vezes delirante dum mundo virtual que nos espera e que talvez já tenha chegado, nós é que não demos por isso!

Chocante a instalação final: duas figuras, meio homens, meio robôs destruídos, com fios e engrenagens soltos, bonecos desarticulados a quem se retiraram as pilhas ou entraram num curto-circuito que os calcinou, sobreviventes dum cataclismo na expectativa dum sopro de vida que os faça reviver ou do camião do lixo que os leve para a sucata. Diríamos, no mínimo, que dá para pensar onde vamos!

O espaço é encimado por um longo e curioso terraço sobre o Tejo com uma decoração curiosa e original, que pretende representar o dorso dum enorme peixe. Vista do rio, temos a visão duma enorme baleia que encalhou na margem e dali nos observa com um olho atento, olho esse que é afinal a porta que dá acesso ao Museu!



Casas em ruínas na paisagem...



Maria Clara

Quem viaja pelas estradas do mundo, certamente já viu desenharem-se no horizonte, ruínas de casas...

Sempre que isso me acontece, penso de imediato nas paredes de quantos amores elas foram cúmplices.

Nos vagidos das crianças que ali foram nascidas.

Nos estertores de quantos fins foram envoltos em sofrimento.

Nas paixões acesas em momentos de atracção física, quando a líbido se exalta e estremece.

Nos doces tempos de amor, daquele amor que recebe e se dá na ternura dos sentimentos.

Nas flores semeadas de um jardim com uma ou duas árvores, providenciando sombra nas tardes de Verão.

Na horta pequena coberta de verde à espera da colheita para a sopa.

Nas reuniões de família com a presença de regressos distantes para matar saudades.

Nas inevitáveis discussões por isto, por aquilo, por questões graves ou até por coisa nenhuma.

Quantos sentires aconteceram entre aquelas ruínas ? Quantos tiveram fins felizes ? Quantos terminaram em dramas ?



Quando olho para as ruínas de uma casa, penso que, entrando nela, se poderá encontrar o “espírito” desses sentires que vieram do Passado para continuarem a “habitar” o espaço agora esventrado pelas intempéries, pelo sol, pelo vento e pela chuva, talvez até por um raio ali caído.

Apetece-me ir lá e tocar, com os dedos, com os olhos, aqueles restos de paredes, empenas, telhas, e da lareira que projectou o seu fumo... azulado ? preto ?

E acariciar tudo como se, assim, pudesse perceber e interagir com o que restou da gente que ali viveu.

COMO SE DESENHA UMA CASA

Poema de Manuel António Pina ((1943-2012)) Prémio Camões 2011

*Primeiro abre-se a porta
por dentro sobre a tela imatura onde previamente
se escreveram palavras antigas: o cão, o jardim impresente,
a mãe para sempre morta.
Anoiteceu, apagamos a luz e, depois,
como uma foto que se guarda na carteira,
iluminam-se no quintal as flores da macieira
e, no papel de parede, agitam-se as recordações.
Protege-te delas, das recordações,
dos seus ócios, das suas conspirações;
usa cores morosas, tons mais-que-perfeitos:
o rosa para as lágrimas, o azul para os sonhos desfeitos.
Uma casa é as ruínas de uma casa,
desenha-a como quem embala um remorso,
com algum grau de abstracção e sem um plano rigoroso.
uma coisa ameaçadora à espera de uma palavra.*

O que podem dizer as ruínas de uma casa ?

Que foi sonhada para acolher Vida, calculada para ser abrigo, construída de sol a sol por mãos calejadas, doridas, cansadas...

Não resisto a apropriar-me das palavras que devem a Villaret uma das mais belas interpretações da poesia portuguesa, com aquela expressão em *crescendo* que êle lhes imprimia para, depois, pousar na suavidade do verso último

”-...Mãos carinhosas, generosas
Que não conhecem o rancor
Mãos que o fado compreendem
e entendem sua dor
Mãos que não mentem
Quando sentem
Outras mãos para acarinhar
Mãos que brigam, que castigam
Mas que sabem perdoar...”-

As ruínas de uma casa podem ser objecto de um debate, de uma apreciação técnica, até de uma tese. Ou de um olhar de adeus que talvez vá aquietar os sons das viagens do Tempo que por elas passam dançando nas cirandas do vento...

29º ANIVERSÁRIO DA AR-RÁDIO (18 de Maio de 2017)

MariaEmíliaRamalho

Este ano, talvez influenciados por um Verão precoce, não nos apeteceu permanecer na cidade e fomos em busca de novas paisagens, ainda que nos arredores de Lisboa, mas fugindo à rotina dos hotéis do costume.



E lá fomos nós até Setúbal com 2 autocarros quase cheios, uma partida algo atrasada do Parque Eduardo VII, uma breve paragem em Azeitão para uma torta, um passeio pelo Parque Nacional da Arrábida que, por muitos atropelos que tenha sofrido, continua a ser a mesma maravilha de serra e mar, verde e azul a perder de vista, o asfalto sinuoso por onde o autocarro segue devagar e, lá em baixo, pequena faixa de areia e o mar, mesmo a pique, de tal maneira que, ao meu convite “vejam a paisagem” chegou-nos uma voz meio

assustada “eu nem quero olhar”!

Chegámos a Setúbal passando pela Secil, fábrica de cimento não sei se desactivada em parte, mas que continua a cobrir de um manto cinzento, o verde das árvores em redor, O Hotel Sado, onde tínhamos almoço marcado, tem uma posição privilegiada, com um longo terraço esplanada donde se avista o casario da cidade, o estuário do Sado, a Serra da Arrábida e lá ao fundo a Península de Tróia. Aí confraternizámos, num ambiente agradável assinalando mais um aniversário da Ar/Radio e a nossa disposição de continuarmos estes encontros que acentuam os laços de amizade e proximidade entre colegas e amigos da RDP.

Entre mensagens, foi lido um poema de Parabéns á AR/RADIO



PARABÉNS AR-RÁDIO

Passou mais um ano!
Felicitações!...
Batem sem engano
Nossos corações!...

AR/RÁDIO é feliz
Nos seus vinte e nove
Celebra e não diz
Como se comove!...

Reunidos estão
Colegas de outrora,
Associação.
Festejada agora.

Parabéns ecoam,
Votos expressados,
São vozes que soam
Cantares afinados...

Reunidos estamos
No ano que vem?
Nós desejaremos,
AR/RÁDIO também!

Maria Hermínia



PARABÊNS

São estes os colegas que festejam o seu Aniversário no 3º Trimestre (meses de Julho, Agosto e Setembro) do corrente ano. São nomes de amigos que nesse dia merecem ser lembrados e receber uma mensagem e um abraço. Aqui fica o convite!

Julho/2017

Dia

- 1 ANTÓNIO CARLOS LOPES BEXIGA
- 1 CONCEIÇÃO AMÉLIA N. ALVES
- 1 LAURA DA CONCEIÇÃO S.MOREIRA
- 1 MARIA FERNANDA CRUZ MARQUES
- 5 ROSA MARIA PIMENTA TORRÃO
- 6 ALFREDO SANTOS ROCHA
- 7 MARIA ADELAIDE P. R.FONTES
- 8 HENRIQUE DOS SANTOS
- 10 EMÍLIA CARDOSO ROSA
- 10 MARIA IVONE NUNES P BENTO
- 12 MARIA CLEMENTINA L.SILVA
- 13 ERNESTO BENTO ROSA
- 14 MARIA ISABEL J. A. CARDOSO
- 16 PEDRO LUIS ALVES S. M. RIBEIRO
- 19 ANA PAULA BARCELÓ R. HENRIQUES
- 19 JOSÉ CARLOS PINHEIRO CANDEIAS

Dia

- 20 MARIA DE LURDES P. C.GONÇALVES
- 20 MARIA FERNANDA A. A GONÇALVES
- 20 MARIA CONCEIÇÃO FERREIRA
- 23 RICARDO MARTINS PINTO
- 23 RUBI ANTONIO REIS ÁVILA
- 23 VÍTOR CARLOS AMARAL ALMEIDA
- 24 JOAQUIM JOSÉ SIMÕES REIS
- 25 JOSÉ REINALDO S. FARIA SANTOS
- 26 ANA CRISTINA PIRES SOARES
- 26 ODETE SIMÕES VICENTE AMARO
- 27 GILBERTA GOMES SILVA MONTEIRO
- 27 GRAÇA MARIA C.DINIS V.BISCAIA
- 27 MÁRIO MARQUES PESTANA
- 29 CASIMIRO VALE FAISCO

MEMÓRIA

Durante o corrente ano, faleceram alguns colegas e associados, a quem prestamos a nossa homenagem, renovando os sentidos pêsames aos respectivos familiares.

Com efeito, já não estão entre nós os colegas e amigos **Rui Lopes Leitão, Artur Augusto Carvalho, Maria Jesuína M.S.Duarte, Adriano António Andrade e Gracinda Figueiredo Cunha.**

Para eles e outros de que eventualmente não tenhamos tido conhecimento em momento oportuno, a saudade e a memória do tempo que passámos juntos.

ANIVERSARIANTES DE AGOSTO E SETEMBRO DE 2017

Agosto

Dia

- 1 MARIA SOLEDADE A. M. ANTUNES
- 1 JOÃO MANUEL NOGUEIRA BISCAIA
- 2 LÍDIA MARIA XUFRE MENDES LUZ
- 2 MARIA ASSUNÇÃO CARMO FREIRE
- 2 MARIA EDE RICOU BRÁS CUNHA
- 4 JOÃO ALVES DIAS
- 4 JOSE MANUEL JESUS S. LOURENÇO
- 5 MARIA FERNANDA M.S. LARANJA
- 6 MARIA MARGARIDA M. S. MOREIRA
- 7 CARLOS A. FERNANDES SILVA
- 9 MANUEL F. DOS SANTOS LOPES
- 10 VÍTOR C. S. LAGRANGE SILVA
- 14 JOSÉ DIAS
- 16 MARIA ANJOS MATOS M. PINHEIRO
- 18 FERNANDO CORDEIRO ROCHA
- 18 DIALINO MARGARIDO ESTEVES
- 18 JORGE DANIEL F. G. SANTOS
- 19 MARIA FÁTIMA SILVA REIS
- 20 CARMELINA DA GLÓRIA C. FIDALGO
- 21 FRANCISCO J. PALMA DE ALMEIDA
- 22 MARIA DULCE P. PAIS MAMEDE
- 22 MARIA ALEXANDRA B. L. ALHO
- 23 GIL MONTALVERNE FIGUEIREDO
- 23 PAULO ALEXANDRE R.FERREIRA
- 23 MARIA AMÉLIA G. GOMES S.BRANDÃO
- 24 JOÃO AURÉLIO SANSÃO COELHO
- 24 DELMIRA LUISA NOGUEIRA
- 24 MARIA ADOSINDA M. BILA
- 25 JAIME MONTEIRO ANTUNES
- 28 JOSÉ GARCIA MARQUES FREITAS
- 28 CARLOS MANUEL SIMAS FERREIRA
- 29 CARLOS DE SOUSA PORTUGAL
- 30 JOSÉ GODINHO DE OLIVEIRA
- 31 MARIA LURDES SANTOS GOMES
- 31 ELISABETE PEREIRA

Setembro

Dia

- 2 JOSÉ MANUEL URBANO SANTOS
- 3 ILDA DOS ANJOS PINTO DUARTE
- 3 MARIA ONDINA MACIAS MARQUES
- 4 CRISTINA M. PINHO LUÍS SAMBADO
- 5 CARLOS ALBERTO F. VENTURA
- 5 JUSTINIANO MANUEL C. VARGUES
- 6 MANUEL LEMOS NEVOA
- 6 MARIA ODETE SIMÕES RIBEIRO
- 6 ADELAIDE CONCEIÇÃO F.L.C.LOPES
- 7 MARIA MARQUES SILVA
- 10 ARCÍLIA DE LURDES M.S. MENDES
- 14 OLGA MARIA SERRA LUZ
- 14 MARIA ESPERANÇA S. O.MIDÕES
- 16 IVONE A INFANTE CAMPOS
- 20 MARIA IRENE SOUSA PINTO CABRAL
- 23 MARIA DA GRAÇA LUCAS MARTINS
- 23 MARIA ROSA FIGUEIRA DE SOUSA
- 23 MARIA TERESA F FERREIRA SILVA
- 24 MARIA FERNANDA M. G.PARDAL
- 24 LILIA DINAH DUARTE F LEITÃO
- 25 GUILHERME AUGUSTO V. BARBOSA
- 25 SERAFINA ROSA JESUS A GRAMAÇA
- 26 ANTÓNIO A. B. SIMÕES RAPOSO
- 27 HENRIQUE LUZ FERNANDES
- 28 ARISTIDES MARTINHO FAZENDEIRO
- 28 MARIA ZULMIRA C. ALVES PIRES
- 30 LUCIANO BRÁS DE ALMEIDA
- 30 MARIA JÚLIA DOS SANTOS RUSSO



PARA TODOS, OS NOSSOS SINCEROS PARABÉNS, COM VOTOS DE MUITA SAÚDE

MINHO MARAVILHOSO*MariaEmíliaRamalho*

**Mais uma vez fomos ao Minho!
E mais uma vez valeu a pena!**

Não fosse a vaga de calor que atravessámos e teriam sido 3 dias maravilhosos a apreciar o verde das paisagens minhotas e os locais que visitámos. O verde estava lá, os locais também mas as elevadas temperaturas, os 40 e tal graus que os termómetros marcavam, pesavam-nos na cabeça e principalmente nas pernas e é com elas que contamos para as caminhadas!



Também os ecos que nos chegavam do incêndio em Pedrogão Grande, que consumia florestas, casas, vidas humanas, numa catástrofe sem precedentes em Portugal, não nos foram propícios. Quando lerem estas linhas, já a situação estará ultrapassada (esperamos), quero eu dizer, o fogo extinto, mas as marcas desta tragédia e de quem as sofreu de perto, não vão desaparecer nunca, fica-nos pois um sabor e um cheiro a queimado, inclusivamente, uma das colegas que nos acompanhava, abandonou o grupo, ao

saber que familiares próximos se encontravam entre as vítimas do incêndio.

Mas voltando ao Minho, desta vez a nossa atenção incidiu menos nas cidades até porque já lá tínhamos estado em anos anteriores (Porto, Guimarães, Viana do Castelo) e mais nos arredores, onde também existem muitos motivos de interesse.

Assim, com uma breve escala em Viana, a pedido de alguém que precisava com carácter de urgência, de comprar uma caneca “dos namorados” e a visita a St Luzia, rumámos a Gondomar onde visitámos uma oficina tradicional de filigrana e tivemos a oportunidade de apreciar o trabalho de arte e precisão minuciosa dos artesãos, as várias fases percorridas para que uma peça de filigrana, tome forma naquele



emaranhado de fios de prata e ouro. Poucos ou nenhum de nós resistiram às “compras” e à tentação de trazer para casa um coração, uns brincos, uma pulseira de verdadeira filigrana minhota.!

A Casa Branca do Gramido, magnífico terraço sobre o Douro, serviu-nos de sala de visitas e depois, ali ao lado, foi o almoço no “Sucesso dos Grelhados”, com a clássica posta de vitela tão à moda do Minho. Aqui juntaram-se a nós os colegas de Coimbra e Porto, numa sempre desejada e alvoroçada confraternização!



Visitámos a seguir a Quinta da Aveleda, cuja visita chegou a estar cancelada, um espaço paradisíaco, pleno de veredas floridas (já tinham visto hortensias daquela cor, dum anil, quase roxo?) chalets, pequenas casas, sombras refrescantes, a adega escura e fresca como convém ao envelhecimento do vinho e a prova dum verde fresquinho acompanhado duma tábua de queijos que ainda hoje nos faz crescer água na boca!

Aí são produzidos o Casal Garcia, o Aveleda

Forte, o Quinta da Aveleda e muitos outros.

Continuando a Rota do Minho Maravilhoso, para além da breve paragem em Viana do Castelo, já atrás referida, seguimos por Caminha, até Valença, imponente Praça Forte sobre o Rio Minho, onde dentro das muralhas se cruzam portugueses e espanhóis, com tal familiaridade que custa a crer que não pertençamos todos à mesma nacionalidade. Nas ruas estreitas, compra-se e vende-se praticamente tudo!

Depois do colossal bacalhau no Solar do dito (bacalhau), dirigimo-nos ao Palácio da Brejoeira, junto a Monção.

Surpreendente a cópia miniatura do Palácio da Ajuda em Lisboa. Mandado construir por Luís Pereira Velho de Moncoso, no princípio do séc. XVIII e, por ausência de herdeiros directos, muitas famílias passaram pela propriedade desta Quinta, cujos nomes não vale a pena referir neste relato apressado, tendo atravessado várias crises, devido a condições políticas como as invasões francesas, à ida da corte para o Brasil, às lutas liberais. Foi a última proprietária, dona Hermínia Paes, que a recebeu de seu pai como prenda pelos seus 18 anos, que reestruturou o cultivo da vinha na casta Alvarinho, modernizou as adegas, criou o mundialmente conhecido Alvarinho Quinta da Brejoeira. Actualmente foi constituída uma Sociedade anónimo que faz a gestão de toda a Quinta.

O Palácio da Brejoeira orgulha-se de ter acolhido membros da aristocracia e da alta burguesia portuense. As vinhas, o bosque, os jardins ao estilo inglês o palácio, uma autêntica jóia de arquitectura palaciana, onde se juntam vários estilos: o neo-clássico, apontamentos do barroco, decoração e mobiliário estilo império. Várias salas e salões, a biblioteca, a sala de jantar, com uma longa mesa que serviu de sala de reuniões para altas individualidades, entre as quais Salazar e Franco que aqui se encontraram para discutir a política dos respectivos países.

De referir também a Capela, o Teatro, o jardim de inverno, o jardim das camélias, um lago artificial.

Uma passagem por Arcos de Valdevez para refrescar, que o calor não convidava a grandes passeios.





No dia seguinte (o último por terras minhotas) espera-nos o Gerês, em minha opinião a “Jóia da Coroa” do norte de Portugal, a beleza das suas serras, dos lagos, das encostas sobre o Rio Caldo, semeadas de pequenas casas que não afectam a paisagem, antes parecem incrustadas entre o verde das matas e o azul das águas, muitas com acesso ao rio, através de pequenas escadas e embarcadouros. O nosso mini-cruzeiro passeou-nos pela albufeira da Caniçada, onde existe uma pequena marina e praias fluviais muito apetecíveis.

Visitamos o Santuário de São Bento da Porta Aberta, local de peregrinações e nós próprios nos sentimos peregrinos em direcção a Lisboa. As Caldas do Gerês ou mais conhecidas por Termas do Gerês oferecem a quietude de quem parou no tempo, com a sua única estrada, são um convite ao repouso, à compra dos milhentos chás de ervas cheirosas, aos sabonetes artesanais, aos frasquinhos de mel de urze e carqueja. Uma visita ao rio (Homem?) que atravessa o recinto, com uma linda cascata de águas cristalinas, junto à porta do Parque Tude de Sousa, mas a entrada é paga, até para pessoas que como nós não passaríamos da porta por não haver tempo. Um espaço que é muito agradável mas está praticamente deserto por má gestão da Câmara ou sei lá de quem! Saímos por onde entrámos, na mala trago um saquinho de chá de hipericão, que sempre compro quando vou ao Gerês.

Vimos Braga, não foi propriamente por um canudo, mas através das janelas do autocarro que conduzido pela boa vontade e rigor na condução do sr. Fidalgo, nosso motorista, nos fez uma visita panorâmica pelos sítios mais emblemáticos da cidade, mas não houve tempo para mais!

Havemos de voltar a Braga, visitar a cidade e os arredores, mas com menos calor!

Nesta hora de despedida, também uma palavra de agradecimento e apreço pelo trabalho da Marta, a nossa guia.

Por agora ADEUS MINHO!.



Fotos: Lurdes Brandão e Teresa Abreu

O DESCOLAMENTO DA RETINA



Dr.ª. Patrícia Alves

O descolamento da retina (DR) é uma situação de emergência que pode ser prevenida na maior parte dos casos e que quando não tratada atempadamente pode levar à cegueira

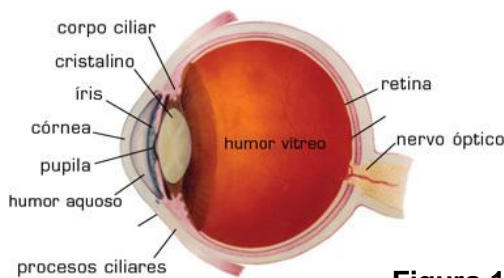


Figura 1: Anatomia do Olho

A retina, localizada na parte posterior do olho (Figura1), é uma membrana muito irrigada e com muitas células nervosas. Sensível à luz, é responsável pela percepção da luz e da imagem, ao transformar a luz e a imagem em “impulsos nervosos” e transmitir essa informação ao cérebro através do nervo ótico.

CAUSAS

O DR ocorre quando o humor vítreo proveniente da cavidade vítrea, onde está contido em condições normais, passa através de uma rasgadura ou buraco na retina, separando as células da retina da camada de vasos que lhe fornece oxigênio e nutrientes. Sem aporte de oxigênio e de nutrientes, as células da retina degeneram e morrem. O humor vítreo é um líquido gelatinoso que não só ajuda a manter a retina no seu lugar, como é fundamental para o olho manter a sua forma esférica.



Figura 2: Descolamento do vítreo

É composto por milhões de pequenas fibras no interior do vítreo que o ligam à retina. À medida que a idade avança, o vítreo encolhe e repuxa as fibras que o ligam à retina. Habitualmente estas fibras partem-se e ficam a flutuar no vítreo, não pondo em risco a visão na maioria dos casos.

Contudo, por vezes, em consequência de um repuxamento mais intenso, o vítreo não só se separa da retina (descolamento do vítreo) (Figura 2) , como provoca rasgaduras ou

buracos na retina. Este deslocamento do vítreo deve ser tratado de imediato, porque caso contrário o humor vítreo passa para a retina através dessas rasgaduras, provocando a separação das diferentes camadas da retina (DR) (Figura 3)

Além das alterações do vítreo, o descolamento da retina está associado à diabetes devido às lesões que provoca nos vasos da retina ou ser causado por um traumatismo do olho.

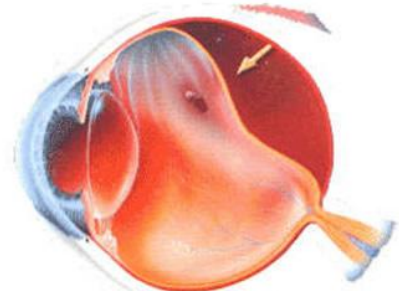


Figura 3: Descolamento da retina

FATORES DE RISCO

Além da idade (mais de 50 anos), história familiar, diabetes e miopia grave, são fatores de risco.

Ter tido descolamento da retina de um olho

Ter sido previamente submetido a uma cirurgia do olho (remoção de catarata, por exemplo)

Outras doenças ou inflamações oculares

SINTOMAS

O descolamento da retina não dá dor. É, contudo, de salientar que surgem, em regra, sinais de alerta antes da lesão ocorrer:

1. *Flashes* luminosos muito rápidos, intermitentes e periféricos em relação ao centro da visão.
2. Aumento brusco de “sensação de moscas volantes” ou de “sensação de teias de aranha”, sensação de “anéis” ou de “cabelos” que pairam no campo visual central.
3. Visão enevoadas

Perante estes sintomas deve consultar imediatamente o seu médico Oftalmologista , sobretudo se tiver mais de 50 anos, tiver qualquer um dos fatores de risco atrás mencionado

DIAGNÓSTICO

Exame da retina: o médico oftalmologista utiliza um aparelho – oftalmoscópio que lhe permite ver o fundo do olho, incluindo a retina. Em regra, este exame permite detetar buracos, rasgaduras ou descolamentos

Ecografia: quando há uma hemorragia que impede uma visualização satisfatória dos fundos oculares com o oftalmoscópio.

TRATAMENTO

Recorre-se quase sempre à cirurgia para reparar uma rasgadura, um buraco ou um descolamento da retina.

Existem várias técnicas disponíveis, pelo que será conveniente perguntar ao oftalmologista quais são os benefícios e os riscos dos vários tratamentos adequados à sua situação, a fim de poderem escolher em conjunto a melhor opção para si.

MEMÓRIAS*MariaEmíliaRamalho*

O nosso convidado de hoje é ANTÓNIO MARQUES MARIA, figura de todos nós sobejamente conhecida e que, antes de ser Presidente da AR/RADIO, teve um longo percurso profissional e muitas memórias para nos contar



P - Como e porque razão é que um jovem nascido e criado na zona do Intendente, escolheu a Rádio, nomeadamente a Emissora Nacional para trabalhar?

R – Favor respeitinho pelo Intendente, que já foi uma zona nobre, com o Palácio do Intendente Pina Manique a pontificar no vasto Largo, e com a famosa cerâmica Viúva Lamego. Na época de 30/60, era uma zona bastante

movimentada, mas tranquila e com muito boa gente. Recordo os vizinhos mais conhecidos; o escritor e jornalista Baptista Bastos, e a fadista Anita Guerreiro.

O ingresso na Emissora Nacional deveu-se ao facto de, estando eu a trabalhar no Estaleiro Naval da Rocha do Conde de Óbidos (1950) e tendo terminado o Curso Industrial, pretender entrar no Instituto. Foi então que a minha vizinha Teresa Caldeira, locutora na EN, me sugeriu concorrer à Emissora, onde a existência de trabalho por turnos, me facilitaria continuar a estudar. Recordo que tive um estágio de 20 dias na Central Técnica de Programas, findos os quais, apresentei um relatório – Bem classificado pelos chefes de então, Artur Silva e Eng. Leote. A entrada foi rápida, na CTP, coincidindo com a do Instituto. Recordo que na altura os turnos eram de 6 horas, 6 dias por semana. A Emissão da OM1 era das 8.00 às 24.00 horas e a OM2 das 12.00 às 14.00 e das 19.00 às 24.00 horas.

P - Como era o ambiente e as relações laborais nesses anos, em pleno Estado Novo?

R - O ambiente era bastante hierarquizado e disciplinado. Quem saía da linha - levava - estava sujeito a penalidades, multas de meio dia, um dia ou mais, a descontar no vencimento, conforme a gravidade da falta. Não transmitir, por exemplo o sinal horário ou os carrilhões, eram falhas puníveis com ½ dia.

P - Assistiu ou participou em casos de algum modo assinaláveis para o desenvolvimento da Empresa, ou alterações nos métodos de trabalho?

R – Lembro-me de uma situação que na altura foi polémica. Quando passei a responsável pela Central, onde chegaram a trabalhar cerca de 40 operadores, considerei conveniente propor a admissão de mulheres para a função de operadoras, numa tentativa de estabilizar as frequentes mudanças de operadores que sendo estudantes, procuravam outras saídas profissionais, mal acabavam os cursos.

Por outro lado, a natural aptidão feminina para funções sensíveis e laboriosas, seria também uma “mais – valia”, para o desempenho do serviço. A proposta levantou dúvidas, mas estava fundamentada e foi muito bem acolhida (Engº Leotte e Engº Bivar).

Na prática foi uma inovação, com muito bons resultados.

Mais tarde, em 1980, o Dr. Oliveira Pires (Director de Programas) e o Dr. Vicente Ferreira. (Administração), após terem estado na France-Inter, quiseram passar a dispor de receita adicional, através de publicidade Institucional no canal público (Antena 1). Como souberam que eu na privada, era responsável por uma área de marketing-comercial, com bom desempenho, convidaram-me com condições interessantes, para poder mudar da Exploração para a Produção, e deixar a privada. Foi o que aconteceu com a formação do Gabinete de Marketing – Vendas, e continuou até à minha aposentação em 1993.

P - Como era o movimento do célebre ESTUDIO A?



R - Era a área de maior movimento dos estúdios do Quelhas, onde ensaiavam, gravavam e se produziam programas musicais “ao vivo”. As 3 Orquestras existentes nesses gloriosos tempos: A Sinfónica de Pedro de Freitas Branco e Frederico de Freitas, a Ligeira de Tavares Bello, e a Típica de Belo Marques. Outros maestros também colaboravam, como Fernando de Carvalho, Ferrer Trindade, Joaquim Luis Gomes (na música Ligeira) e Alvaro Cassuto, Jolly Braga Santos e outros, na

Sinfónica. Na ligeira, Cançonetistas provenientes do Centro de Preparação de Artistas da Rádio, do Professor Mota Pereira, a par com outros nomes já consagrados - Lurdes Resende, Maria Clara, Luis Piçarra, José António, Francisco José, Rui de Mascarenhas, Tony de Matos, Simone de Oliveira, Madalena Iglésias, Júlia Barroso, Fátima Bravo, as Irmãs Remartinez, as Irmãs Meireles e tantos outros que se cruzavam no pequeno hall dos estúdios. Era um movimento muito animado na música portuguesa, que desapareceu completamente.

P - Como viveu o nascimento da Televisão

R - Em 1954, colaborava na Nacional Radio – representante da Grundig, por influencia do locutor Raul Feio, um dos sócios da empresa. Na altura receberam um equipamento de emissão de televisão em circuito fechado, para se divulgar em Portugal, uma amostra do que viria a ser a Televisão, que estava prestes a chegar... A apresentação ao público, realizou-se no verão de 1955, na Feira Popular de Lisboa, onde actualmente são os Jardins da Fundação Gulbenkian. Fazíamos emissões diárias, à noite, transmitindo em circuito fechado, para um stand expositor, o espectáculo da Boite Meia-Noite, onde actuava o Conjunto Ferrer Trindade e diversos artistas. Na inauguração destas transmissões participaram; Maria Leonor, Raúl Feio, Manuel Lereno, Jaime Santos e outros artistas conhecidos. A realização era do João Terramoto, a assistência técnica do Mário Moreira e a imagem, do Marques Maria, como operador de camara.

Estes foram portanto alguns dos pormenores, sobre a primeira vez que se viu Televisão em Portugal.

Em 1956, em setembro, entra a RTP, também na Feira Popular, mas com equipamento profissional e maior cobertura, com emissões experimentais. Em 1957, em março, começam então as emissões oficiais da RTP, a partir dos estúdios do Lumiar



P - O que era a “Hora Grundig”?

R - Em 1957 a Nacional Radio estabeleceu um acordo com a RTP, para o lançamento de um televisor a baixo custo – o mais baixo do mercado (Esc.4.990.00), com a designação promocional – RTP 43. Foi através do Dr. Artur Varatojo - (Movierecord). Como contrapartida a RTP transmitia diariamente, durante um Ano, spots publicitários de promoção ao televisor e um programa mensal de 30 minutos, denominado HORA GRUNDIG, com transmissão à noite em horário nobre. Constava de 1 relógio, ao qual, em cada programa, se dava corda e era fechado numa caixa, para se abrir no programa seguinte e verificar a hora a que tinha parado, para se premiar o espectador cujo prognóstico, recebido por postal enviado para o programa, mais se aproximasse dessa hora – Grundig. Estes programas eram realizados pela RTP - Melo Pereira, que contratava os artistas e Marques Maria que convidava os locutores, abria a caixa, dava corda ao relógio e selava a caixa... Colaboravam regularmente; os locutores Artur Agostinho, Pedro Moutinho, Nuno Fradique, Fernando Frazão e Henrique Mendes.



P - Consta-nos que participou em Rallys, fale-nos sobre isso.

R - Em 1962/63 o Rádio Clube Português e a RTP, fizeram alguns Rallys, nos quais participei, por ser entusiasta. Para animar... tinha como co-equipar o colega - não especialista - Jerónimo Bragança. Num desses, do RCP, ficámos bem classificados (1º da classe e 1º do Grupo)

P - Razões do seu interesse pelo projecto da Associação dos Aposentados, mundo a que se manteve alheio durante a maior parte da sua actividade na EN e depois na RDP

R – Apareci na ASSOCIAÇÃO, apenas em 2007, embora fosse associado desde 96. Foi numa Assembleia Geral, na qual o Moura Diniz declarou uma vez mais, que a Associação se iria extinguir, uma vez que não havia renovação de dirigentes. Na oportunidade, eu intervim, sugerindo que a Associação, para além de passeios e almoços, devia estar mais próxima das pessoas e defendi que fosse feita uma abordagem a todos os associados, com a mensagem - "Onde estás, como estás, e o que é que a Associação pode fazer por ti"?



A ideia foi bem acolhida e para as Eleições que entretanto se seguiram, juntámos um pequeno grupo com: Jorge Mendes, Manuel Topa, Reinaldo dos Santos e Guilherme Guimarães, que se juntou aos que permaneceram de anteriores direcções, formando uma nova lista entretanto eleita.

O Tempo passa a correr, e já lá vão 9 anos de proximidade e de saudável companheirismo.
AMM

Requiem para um “HACORDO HORTOGRÁFICO”

Fonte: Internet

Era uma vez um Acordo
Que de tão mal acordado
Causou zanga e confusão
Deixou tudo baralhado

O cágado ficou cagado,
Coitado do animal
Tão envergonhado estava
Que deixou de dar sinal

Os egitos no Egito
Não sabiam que fazer
Se ficar pelas pirâmides
Se beber para esquecer

O junho ficou minúsculo
Todos os outros também
Gritava o dezembro, fulo:
- Sou agora um Zé-Ninguém !

O pára passou a para
Mas que grande confusão
O trânsito ficou parado
Andava-se em contramão

O pêlo chamado pelo
E já ninguém se entendia
Uns rezavam ao Diabo
Outros à Virgem Maria

O facto ficou de fato
Mas não lhe serviu de nada
E reclamava sempre:
- Sem o meu “c” não sou nada!

A receção sem o “p”
Sentia-se mesmo mal
Andava tão chateada
Que foi para tribunal.

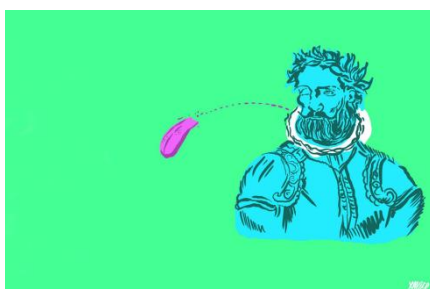
- Que saudades do meu “c”!
Lamentava-se o noturno
Grande farrista que era
Tornou-se muito soturno.

Espetadas e espetadinhas
Fugiam dos espetadores
Tinham fama de sexistas
Os desonestos senhores

Vivesse o douto poeta
Homem de bom critério
Diria hoje decerto:
- Vós que lá do vosso império
Decretais Acordo novo
Calai-vos, que pode o povo
Querer um Português a sério!

Notas:

1. Quaisquer grafias mais ou menos estranhas não são resultado do AO mas sim eventual liberdade poética. O “douto poeta” é, obviamente, António Aleixo.
2. Os versos são de autoria desconhecida, mas merecem Parabéns.



POESIA

ESSA PALAVRA REDONDA



Esbarrei numa palavra
que não me sai da cabeça.
Com surpresa e alarido,
surgiu cheia d'energia,
cutucando o meu ouvido.

Nem sabia que existia
essa palavra redonda,
revolta como uma onda,
num mar de braveza súbita.

A palavra já eu tenho:
fresca, viva, densa, lúdica,
transbordante de sentido.

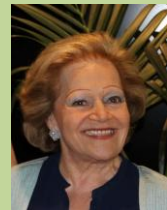
Agora, falta-me a música.
Vou buscá-la com empenho,
ao gosto do meu ouvido:

Dó-bemol, ré-sustenido.

Mª Assunção Freire



LISBOA



Há Lisboa pombalina,
Há Lisboa da moirama,
Há Lisboa citadina
E há Lisboa de Alfama...

Variada e contrastante
Em becos, ruas, jardins,
Ora pobre, ora galante,
Com tascas e botequins...

Há Lisboa evoluída
E Lisboa artesanal,
Há Lisboa renascida
E outra que vive mal...

Em parques e avenidas,
Em túneis e miradouros,
Lisboa terá mil vidas
Desde Ulisses aos vindouros!...

Mª Hermínia Anastácio

